

## **DISCURSO DE POSSE**

**Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)**

**Diretor Superintendente da FAPERJ – 1998**

MATRAGA nº 11, 1999

Exm<sup>o</sup> Sr. Vice-Governador, Dr. Luiz Paulo Correa da Rocha; Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Secretária de Ciência e Tecnologia, Prof<sup>a</sup> Nilda Teves; demais autoridades componentes da mesa e presentes no plenário; Senhoras e Senhores:

Se não me engano, foi John Lennon quem definiu a vida como aquilo que costuma acontecer enquanto a estamos apenas planejando. Pois devo dizer que experimentei a justeza desse pensamento ao me ver indicado para o cargo que ora passo a ocupar. Envolvido plenamente com minhas atividades de pesquisa e ensino - e restringindo o trabalho administrativo tanto quanto possível -, não tinha qualquer desejo, intenção ou plano de sair de meus empenhos profissionais presentes, tampouco de acrescentar-lhes novos centros de atenção. Desse modo, não foi pequeno o desconcerto causado por um convite que, se aceito, implicaria acentuado desvio de rumo, não só por deslocar para a administração a ênfase de meus cuidados de trabalho, mas também por situá-los fora da Universidade. Creio compreensível, portanto, que a receptividade à proposta tenha sido acompanhada de certa hesitação, inevitável ocasião de desconforto, mas também oportunidade para refletir um pouco sobre as causas de minha inicial resistência à idéia: o receio por um deslocamento duplo, para o setor administrativo e para uma entidade extra-universitária.

No entanto, quanto ao primeiro problema - o da administração - , eu já dispunha de um juízo a seu respeito. Em síntese, acredito que administrar não pressupõe nenhuma inclinação especial, antes consistindo num aprendizado, até porque, conforme afirma um personagem de Gabriel García Márquez, "... já se demonstrou muitas vezes que a vocação é filha legítima da necessidade." Tampouco constituirá uma perícia que se desenvolva em abstrato, independente da área específica sobre a qual se exerce. Sem menosprezar a importância de especialistas em administração para o bom desempenho em certas ações pontuais, julgo que o administrador se qualifica menos pelo domínio de técnicas formais genéricas do que pela intimidade com o seu próprio campo. Por essa linha de raciocínio, uma escola deve ser dirigida por um educador; um hospital, por um profissional de saúde; uma entidade de fomento à pesquisa, por um pesquisador. Assim pensando, nunca pude concordar com uma atitude que, se não for majoritária, é pelo menos muito popular e amplamente cultivada entre pesquisadores das mais diversas especialidades: o pouco caso pelo trabalho administrativo, ora apenas tolerado como secundário, ora estigmatizado como parasitário, ora visto como inibidor burocrático da desenvoltura criativa que só a própria investigação científica proporcionaria a seus cultores.

Por conseguinte, longe de conceber o processo administrativo como absolutamente alheio e externo à investigação científica em si mesma, sempre o entendi como instância incontornável, a ser atendida não por administradores ou burocratas de carreira, mas por pessoal de fato comprometido com a própria elaboração da ciência. Vejo assim a participação de pesquisadores nas práticas organizacionais das condições para a pesquisa como prestação de um serviço intransferível, que certamente lhes subtrai algum tempo às preocupações individuais, tempo que, contudo, com certeza reverte em benefício comunitário bastante compensador. Para que essa participação se viabilize, não acredito haver maiores dificuldades senão a observância de certa condição: inventar um equilíbrio entre a satisfação pessoal do pesquisador - possível apenas no laboratório, na biblioteca, no escritório, na sala de aula - e a disponibilidade aos interesses institucionais e coletivos, o que naturalmente só será possível se a atividade administrativa consistir numa investidura transitória - sem nenhuma perspectiva de perverter-se em carreira - e harmonizável com a continuidade de seus próprios projetos de pesquisa. Assim, a expectativa dessa invenção de equilíbrio é que acabou por relativamente me tranquilizar, contribuindo para a neutralização do primeiro receio - o do extravio para o universo paralelo das ações administrativas.

Venhamos agora à segunda causa de hesitação, o exercício profissional fora do ambiente universitário. Em contraste com a anteriormente caracterizada, a respeito desta questão eu não dispunha de nenhuma opinião prévia, não só por me faltar a experiência, mas também por nunca ter levado em conta a hipótese de um dia vir a trabalhar em instituição que não fosse uma universidade. Sendo, portanto, necessário ordenar algumas idéias a propósito, comecei por considerar a natureza do órgão onde passaria a atuar, aí encontrando uma motivação que me animava a vencer minhas reservas. É que, por convicções que mantenho, não obstante a orientação privatizante hoje hegemônica, penso que o estado constitui o dispositivo social mais apto ao controle, defesa e desenvolvimento dos interesses públicos. Por isso - concluí, assim controlando a segunda resistência - colaborar no esforço de consolidar a credibilidade de uma agência estatal de fomento à pesquisa - aumentando a transparência, agilidade e eficácia de suas ações - só poderia ser para mim motivo de honra e satisfação.

Assim, contornadas as apreensões iniciais, dispus-me aceitar o encargo, antes de tudo advertido para o pouco tempo que teria para melhor conhecimento da instituição. Por isso, procurei o mais prontamente possível reunir informações que me instrumentalizassem, a partir das quais acho que já posso fazer um rápido depoimento que ora julgo pertinente.

Não obstante sua curta história, não foi difícil constatar que a trajetória da FAPERJ vem conhecendo altos e baixos. Não sendo este o momento de desenvolver um histórico detalhado, quero somente assinalar a série de avanços que se devem creditar à atual administração do Estado do Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, a recriação da Secretaria de Ciência e Tecnologia, que a FAPERJ passou a integrar, proporcionou-lhe a inserção de que carecia no fluxograma das instâncias de governo, ampliando suas atribuições e tornando-as adequadas ao alcance dos fins que se propõe. Juntamente com o impulso oriundo dessa nova posição, não menos

importante foi a retomada dos investimentos em ciência e tecnologia, mediante a manutenção de um fluxo regular e crescente de recursos do tesouro do Estado. Para se ter idéia do alcance dessa decisão política, basta observar que, se nos 6 anos compreendidos entre 1989 e 1994, a dotação da FAPERJ atingiu o montante de 22 milhões de reais, somente no biênio 1995-96 os recursos repassados subiram para a ordem de 25 milhões. E no biênio em andamento - 1997-98 - a tendência ao crescimento foi conservada, como se pode verificar pelos números relativos ao ano passado, que totalizaram em torno de 27 milhões de reais. Ressalte-se ainda que a integralização desses valores deveu-se à já aludida reestruturação da FAPERJ. É que sua articulação com a Secretaria de Ciência e Tecnologia dotou-a de maior agilidade na captação de recursos por meio de convênios diversos, geradores de 7 milhões e 300 mil reais, que se compuseram com 19 milhões e 500 mil repassados pelo tesouro estadual. Enfim, diante da evidência desses números, é preciso reconhecer o discernimento da atual administração, que vem revelando a grandeza de apoiar ações que, longe de se prestarem à exposição imediata, antes preparam e viabilizam resultados futuros de médio e longo prazo.

Mas, ainda que ciente de que o prontamente visível não esgota o potencial de eficácia dos empreendimentos em cultura, educação e ciência, acho apropriado enumerar aqui alguns convênios e projetos especiais em andamento, que se acrescentam ao fluxo contínuo e rotineiro das bolsas e auxílios. Entre as instituições que mantêm convênios com a FAPERJ, destinados a intercâmbio, cooperação e financiamento, podemos mencionar a Petrobrás, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz, o Instituto Nacional de Tecnologia, o Centro de Tecnologia Mineral, o Instituto Nacional de Metrologia; entre os projetos especiais, o Rede Rio de Computadores, o CAPES-FAPERJ, o Redes Cooperativas de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, o Alfa/RJ, o Programa PhD na Empresa. Mesmo sem a descrição de tais convênios e projetos especiais, impertinente neste momento, é possível perceber-se a ampla cobertura proporcionada pela atuação da FAPERJ: pretende-se corresponder tanto à demanda por assim dizer mais tradicional numa agência pública de fomento à pesquisa, representada por apoio a projetos acadêmicos concebidos em universidades e instituições dedicadas à investigação científica, quanto às necessidades do desenvolvimento econômico e tecnológico do nosso Estado, em geral manifestadas por indústrias e demais entidades diretamente ligadas ao processo produtivo.

Da imagem da FAPERJ ora apresentada, se poderia talvez concluir que tudo na instituição segue um curso tranqüilo de estabilidade, êxitos e acertos. Embora convicto de que nenhum de nós aqui reunidos julgaria verossímil tamanha idealização, por sentirmos em nosso cotidiano as evidentes e dolorosas dificuldades por que passam o País em geral e a administração pública em particular, apresso-me em retificar qualquer impressão de triunfalismo ingênuo que possa ter passado. Pois todos sabemos como são frágeis e sujeitas à solução de continuidade as realizações no setor público, o que torna indispensável persistir na diligência pela alocação de recursos, não só para manter o padrão de desempenho já alcançado, mas também visando a sua consolidação e ampliação.

Nesse ponto do presente pronunciamento, julgando caracterizadas as linhas gerais das concepções que me orientam, bem como explicitados os compromissos assumidos, gostaria de passar ao capítulo mais caloroso e humano dos agradecimentos.

Começo por manifestar minha gratidão aos familiares e amigos - muitos me distinguindo hoje com a presença neste ato -, aos quais devo o círculo de afeição que tanto me protege. Também quero agradecer aos funcionários da FAPERJ, cuja dedicação ao trabalho eu já havia testemunhado na condição de orientador de bolsistas, e que agora, por ocasião dos meus primeiros contatos como integrante da Casa, me recebem com imediata simpatia e cordialidade, de tal modo que vou me sentindo à vontade muito antes do que poderia supor. Devo agradecer ainda ao Diretor Administrativo, Mário Márcio de Souza Nunes, por toda a atenção, e muito especialmente ao Diretor Científico, Professor Peter Rudolf Seidl, que, com tanta generosidade e proficiência, me vem ministrando um verdadeiro curso intensivo de FAPERJ, sem o qual dificilmente eu conseguiria me situar no pouco tempo de que disponho. Ao Professor Ivo Barbieri, menos como Presidente do Conselho Superior e muito mais como amigo de tanto tempo, desde os memoráveis cursos de literatura brasileira em que fui seu aluno na UERJ, quero igualmente agradecer em caráter muito especial, pela lembrança e pela disponibilidade para uma atuação conjunta. À Sr<sup>a</sup> Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia, Professora Nilda Teves, agradeço também pelo convite e pela distinção que me faz, inscrevendo-me entre seus colaboradores mais próximos, bem como ao Sr. Vice-Governador, Dr. Luiz Paulo Correa da Rocha, cuja presença neste ato interpreto como um gesto de reiteração de apoio à FAPERJ. E, naturalmente, devo agradecer, enfim, ao Governador Marcello Alencar, pela confiança expressa no ato de minha nomeação, cabendo-me por isso procurar retribuir-lhe com um exercício empenhado e leal aos interesses do serviço público e do Estado.

Muito obrigado.